



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ  
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS  
CURSO DE LETRAS-LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA DE  
LÍNGUA PORTUGUESA**

ALICE BRUNA ALVES DA SILVA

**O HOMEM E O SERTÃO: UMA ANÁLISE COMPARADA DA REPRESENTAÇÃO  
DO NORDESTINO NAS OBRAS *O QUINZE* E *ATALIBA, O VAQUEIRO***

Picos - PI  
2025

ALICE BRUNA ALVES DA SILVA

**O HOMEM E O SERTÃO: UMA ANÁLISE COMPARADA DA REPRESENTAÇÃO  
DO NORDESTINO NAS OBRAS *O QUINZE* E *ATALIBA*, *O VAQUEIRO***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Letras - Língua Portuguesa e Literatura de Língua Portuguesa da Universidade Federal do Piauí, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros (UFPI-CSHNB), como requisito para obtenção do título de Licenciada em Letras.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Cristiane Feitosa Pinheiro



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ  
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS  
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS  
Rua Cícero Duarte Nº 905. Bairro Junco CEP 64600-000 - Picos- Piauí  
Fone: (89) 3422 2032

## ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Às 14h (quatorze horas) do dia trinta de junho do ano de dois mil e vinte e cinco, na sala 833, do Curso de Letras, na Universidade Federal do Piauí, do *Campus* Senador Helvídio Nunes de Barros, cidade de Picos – PI, sob a presidência da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Cristiane Feitosa Pinheiro, reuniu-se a banca examinadora de defesa de Trabalho de Conclusão de Curso, sob a forma de artigo, de autoria da aluna **ALICE BRUNA ALVES DA SILVA** do curso de Letras desta Universidade com o título **O HOMEM E O SERTÃO: UMA ANÁLISE COMPARADA DA REPRESENTAÇÃO DO NORDESTINO NAS OBRAS O QUINZE E ATALIBA, O VAQUEIRO**. A Banca Avaliadora ficou assim constituída: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Cristiane Feitosa Pinheiro (Orientadora – Presidente), Prof. Dr. Welbert Feitosa Pinheiro (Avaliador Interno – 1º examinador), Prof<sup>a</sup> Me Fabiana Costa de Sousa (Avaliadora Externa – 2ª examinadora) que participou de forma remota através da Plataforma *Google Meet*, *link* de acesso [meet.google.com/cnw-thfe-zhf](https://meet.google.com/cnw-thfe-zhf). Foram registradas as seguintes ocorrências: após a apresentação da aluna pela Presidente da banca, ocorreu a apresentação do artigo, seguido de questionamentos pelos membros da banca. Concluída a defesa, procedeu-se o julgamento pelos membros da banca examinadora, em reunião fechada, na mesma sala, sem a presença da avalianda e seus convidados. Apuradas as notas, verificou-se que a aluna foi aprovada com média geral **10,0 (dez)**. E, para constar, eu, Cristiane Feitosa Pinheiro, lavrei a presente ata que, após lida e aprovada pelos membros da banca examinadora, será assinada por todos. Picos, 30 de junho de 2025.

Assinatura dos membros da Banca Examinadora.

*Cristiane Feitosa Pinheiro*

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Cristiane Feitosa Pinheiro  
Presidente da Banca/Orientadora – Universidade Federal do Piauí

*Welbert Feitosa Pinheiro*

Prof. Dr. Welbert Feitosa Pinheiro  
Avaliador Interno (UFPI-CSHNB)

*Fabiana Costa de Sousa*

Prof<sup>a</sup> Me Fabiana Costa de Sousa  
Avaliadora Externa (UFPI-CTBJ)

**FICHA CATALOGRÁFICA**  
**Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí**  
**Biblioteca José Albano de Macêdo**

**S586h**

Silva, Alice Bruna Alves da.

O homem e o sertão: uma análise comparada da representação do nordestino nas obras O Quinze e Ataliba, o vaqueiro / Alice Bruna Alves da Silva – 2025.

32 f.

1 Arquivo em PDF.

Indexado no catálogo *online* da biblioteca José Albano de Macêdo, CSHNB.  
Aberto a pesquisadores, com restrições da Biblioteca.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Piauí, Curso de Licenciatura em Letras, Picos, 2025.

“Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Cristiane Feitosa Pinheiro”.

1. Literatura brasileira. 2. O quinze. 3. Ataliba. I. Silva, Alice Bruna Alves da.  
II. Pinheiro, Cristiane Feitosa . III. Título.

**CDD 869.9**

**Elaborada por Maria Letícia Cristina Alcântara Gomes**  
**Bibliotecária CRB nº 03/1835**

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>4</b>
<b>2 ENTRE CASTELLO BRANCO E QUEIROZ: A LITERATURA COMPARADA.....</b>	<b>5</b>
2.1 O mundo real como fonte literária.....	6
2.2 Um olhar sobre o Regionalismo na literatura.....	8
2.3 O fazer literário brasileiro: Romantismo e Modernismo.....	9
2.4 As estéticas de Francisco Gil Castello Branco e Rachel de Queiroz.....	11
2.5 Ataliba e Chico Bento: a construção do herói literário.....	14
2.6 Os caminhos sociais: o espaço narrativo.....	16
<b>3 O PERCURSO METODOLÓGICO: ABORDAGENS E MÉTODOS.....</b>	<b>17</b>
<b>4 A IMAGEM DO NORDESTE: O HOMEM E O SERTÃO.....</b>	<b>18</b>
4.1 O vaqueiro como herói sertanejo.....	19
4.1.1 <i>A religiosidade como mecanismo de enfrentamento</i> .....	23
4.2 O Sertão como espaço narrativo.....	25
<b>5 O HERÓI DO SERTÃO: CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>30</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>31</b>

## O HOMEM E O SERTÃO: UMA ANÁLISE COMPARADA DA REPRESENTAÇÃO DO NORDESTINO NAS OBRAS *O QUINZE* E *ATALIBA, O VAQUEIRO*

Alice Bruna Alves da Silva<sup>1</sup>  
Cristiane Feitosa Pinheiro<sup>2</sup>

**RESUMO:** A literatura tem capacidade de registrar historicamente uma sociedade, podendo espelhar-se nela para criar seu mundo ficcional. Diante disso, objetivou-se, pela análise comparada das obras regionais *Ataliba, o vaqueiro* e *O Quinze*, compreender a construção da imagem do nordestino como símbolo de resistência frente aos cenários hostis criados pela seca, e, especificamente, caracterizar o perfil de herói do homem dessa região e identificar nos espaços narrativos, a modelação das ações das personagens. Buscou-se responder ao seguinte problema de pesquisa: como ocorre a construção da imagem do nordestino, em cenários hostis criados pela seca, nas obras literárias “O Quinze” e “Ataliba, o vaqueiro”? Metodologicamente, tratou-se de pesquisa qualitativa, de cunho bibliográfico, apoiando-se em autores como Bachelard (2000), Candido (2006) e Kothe (2000). Os resultados demonstraram que Ataliba e Chico Bento constroem-se como heróis literários através de diferentes aspectos que vão desde sua descrição física até às cenas que revelam sua moralidade modelo. Também inferiu-se que o espaço narrativo representa mais do que uma localidade: é força modeladora da ação das personagens. Logo, o estudo realizou-se diante da necessidade de ampliar, academicamente, as análises sobre o homem e o espaço sertanejo na literatura, pois ainda percebe-se uma falta de discussões sobre o assunto.

Palavras-chave: Literatura Comparada. Regionalismo. Herói literário. Espaço narrativo.

### 1 INTRODUÇÃO

Dentre os diversos papéis executados pela literatura, um dos principais é o de registro histórico. Embora um texto literário não tenha obrigação em firmar compromisso com os fatos, não é viável afirmar que ele foge completamente deles, visto que é da contemplação da realidade que nasceram muitas obras consolidadas como clássicos universais. É possível perceber que a literatura traz consigo um arcabouço de contextos preservados através do tempo, os quais contribuem na compreensão de valores, costumes e vivências de sociedades passadas.

Considerando o exposto, a pesquisa buscou analisar duas obras literárias cuja temática revela um recorte histórico vivido pela região do nordeste brasileiro que foi marcado com grande impacto pela seca: *O Quinze* (1995), pela romancista cearense Rachel de Queiroz, e *Ataliba, o vaqueiro* (1878), de Francisco Gil Castelo Branco, romancista piauiense.

A pesquisa objetivou analisar, na literatura, a construção da imagem do nordestino como símbolo de resistência e força diante dos cenários hostis criados pela seca. E especificamente, caracterizar o perfil de herói do homem nordestino presente nas obras examinadas e identificar nos espaços narrativos, a modelação das ações das personagens.

---

<sup>1</sup> Graduanda em Letras – Língua Portuguesa e Literatura de Língua Portuguesa (UFPI – CSHNB).

<sup>2</sup> Doutora e Mestre em Educação (UFPI), Professora do Curso de Letras-Português (UFPI – CSHNB), orientadora da pesquisa.

O estudo justifica-se nas contribuições prestadas no que tange à ampliação do arcabouço de análises feitas sobre a imagem dos sertanejos na Literatura, na preservação da cultura examinada em meios acadêmicos, e na representatividade da região nordeste, expandindo seu alcance e evitando que a identidade cultural do povo nordestino se perca. Além disso, justifica-se na admiração ao povo nordestino, que enfrentou condições adversas ao seu desenvolvimento, como o período de estiagem, mas que prosseguiu e construiu seu legado de superação e resistência.

Os objetivos eleitos decorreram da busca por se responder ao problema de pesquisa: como ocorre a construção da imagem do nordestino, em cenários hostis criados pela seca, nas obras literárias “O Quinze” e “Ataliba, o vaqueiro”?

Metodologicamente, trata-se de pesquisa qualitativa, de cunho bibliográfico, uma vez que busca fazer análises através de fontes textuais relevantes ao tema. No mais, para fundamentação, o artigo apoiou-se em autores como Bachelard (2000), Candido (2006) e Kothe (2000) com o objetivo de apresentar uma base teórica sólida que sustente a importância da discussão proposta.

## **2 ENTRE CASTELLO BRANCO E QUEIROZ: A LITERATURA COMPARADA**

A literatura comparada passou por diversas denominações antes de ser estabelecida como disciplina. De forma geral, entende-se que este campo literário não se resume a apenas comparar, pois se dedica a um estudo aprofundado que envolve múltiplos fatores internos e externos às obras. Surgida na França, iniciou-se sendo o exame de produções de apenas dois países (Figueiredo, 2016). Porém, com o passar do tempo, esse conceito evoluiu para englobar aspectos mais diversos.

A Literatura Comparada conquistou seu espaço nos estudos literários (e para além do literário), mostrando sua importância, enquanto ramo da Teoria Literária, para estudar através da comparação de diferentes obras e autores, diferentes nações e culturas, diferentes idiomas, diferentes tipos de arte. (Figueiredo, 2016, p. 21)

Diante do exposto, é possível afirmar que a literatura comparada coloca-se como ramo multidisciplinar, capaz de estabelecer ligações entre diversas obras, sejam elas literárias ou não literárias. Ela “designa uma forma de investigação literária que confronta duas ou mais literaturas” (Carvalho, 2006, p. 6), logo, sua natureza compete a construir confrontos que aprofundem a compreensão dos objetos de análise.

A literatura comparada compara não pelo procedimento em si, mas porque, como recurso analítico e interpretativo, a comparação possibilita a esse tipo de estudo literário uma exploração adequada de seus campos de trabalho e o alcance dos objetivos a que se propõe. Em síntese, a comparação, mesmo nos estudos comparados, é um meio, não um fim. (Carvalho, 2006, p. 7)

Logo, ao realizar o estudo comparativo de obras como *Ataliba, o vaqueiro* e *O Quinze*, a análise beneficia-se da literatura comparada como método de compreensão das obras, uma vez que, ao estabelecer relações dialógicas entre os romances, põe em destaque suas semelhanças e contrastes, tornando a interpretação de elementos como o espaço e as personagens protagonistas mais amplo.

## **2.1 O mundo real como fonte literária**

O elemento social é fator imprescindível na compreensão de uma obra literária, à medida que contribui para expandir a possibilidade de interpretação textual. Sabe-se que a literatura não representa um retrato exato da sociedade, porém, tem o papel de deixar registros de acontecimentos, no que tange a sua característica de ser produto social (Candido, 2006).

Logo, é possível afirmar que, para o texto literário, o meio no qual ele foi produzido torna-se elemento integrante de sua composição, tal como os fatores psíquicos; assim, procurar compreender o cenário social no qual uma obra foi feita representa também entendê-la com maior profundidade.

Para tanto, é necessário “pensar a literatura como fenômeno diretamente ligado à vida social” (Silva, 2003, p. 123), visto que ambos se atravessam no tecido do texto. Ao considerar que as obras literárias são também espelhadas na sociedade, conclui-se que elas possuem papel fundamental na preservação cultural do corpo coletivo representado, vide que:

A literatura não é um fenômeno independente, nem a obra literária é criada apenas a partir da vontade e da 'inspiração' do artista. Ela é criada dentro de um contexto; numa determinada língua, dentro de um determinado país e numa determinada época, onde se pensa de uma certa maneira; portanto, ela carrega em si as marcas desse contexto. Estudando essas marcas dentro da literatura, podemos perceber como a sociedade na qual o texto foi produzido se estrutura, quais eram os seus valores etc. (Silva, 2003, p. 123)

Diante disso, percebe-se que a literatura simboliza também um meio de registro de acontecimentos, crenças e costumes que perpassam o mundo, revelando-o. Pode-se afirmar, diante do exposto, que a historicidade apresenta-se como elemento capaz de contribuir

significativamente na construção do sentido de uma obra, visto que suas dimensões compreendem o contexto social e histórico no qual ela foi concebida.

O campo literário não possui, segundo Reis (2013), fronteiras muito delimitadas. Pode-se explicar este fato diante do que caracteriza uma obra como sendo ou não literária. A partir disso, crescem as ocorrências de produções que possuem caráter híbrido, ou seja, que mesclam elementos da ficção com a realidade.

Uma narrativa como a *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto pode ser considerado uma obra híbrida, na medida em que nela se mesclam eventos e situações ficcionais, com eventos e situações históricas, a par de uma acentuada projeção de índole autobiográfica e confessional, incluindo ainda procedimentos narrativos relativamente elaborados. (Reis, 2013, p. 20)

De forma semelhante, romances como *Ataliba, o vaqueiro* e *O Quinze* representam a criação de um fazer literário que ultrapassa os limites do ficcional, por darem voz à realidade dos autores. Tal característica é resultado da literatura em sua dimensão sociocultural, definida como:

Diretamente decorrente da importância que, ao longo dos tempos, ela tem tido nas sociedades que a reconheciam (e reconhecem) como prática ilustrativa de uma certa consciência coletiva dessas sociedades. Na literatura é possível surpreender também uma dimensão histórica, que leva a acentuar a sua capacidade para testemunhar o devir da História e do Homem e os incidentes de percurso que balizam esse devir. (Reis, 2013, p. 22)

A literatura, quando assume essa dimensão, o faz porque é definida diante de critérios sociais e torna-se, portanto, um importante meio de compreender a cultura e como ela se estabeleceu com o passar do tempo, auxiliando a entender o que se passa dentro de uma sociedade. Enquanto constrói-se o fator social que perpassa as obras literárias, a dimensão sociocultural da literatura revela costumes e práticas que têm a capacidade de registrar, criticar ou enaltecer uma comunidade ou região e, à medida que se entrelaça com a história, o texto literário oferece um recorte temporal que contribui para aumentar o conhecimento sobre as raízes da identidade de um povo.

Nesse sentido, as obras de Rachel de Queiroz e Francisco Gil Castello Branco representam o espelho da realidade na qual foram construídas: a seca. A análise do contexto no qual as obras foram criadas coloca em destaque a caracterização de espaços e costumes que resultaram no que hoje se conhece por cultura nordestina. Assim, observa-se o papel exercido pela literatura inserida no meio social: sua capacidade de construir e estabelecer crenças e práticas culturais.

## **2.2 Um olhar sobre o Regionalismo na literatura**

Pode-se afirmar que o Regionalismo surgiu do “gosto pela expressão local e pelo sentimento do exótico”, conforme defende Araújo (2008, p. 119); as obras pertencentes a essa estética simbolizaram a necessidade de representar um povo que fosse verdadeiramente brasileiro, por isso, nota-se, com suas primeiras manifestações impulsionadas pelo movimento de independência política do Brasil, a procura por revelar as mazelas sociais e desprender a literatura da elite, objetivo que ganha força durante o período modernista brasileiro.

Para Candido (2006, p. 121), o regionalismo “constitui uma das principais vias de autodefinição da consciência local”, é possível perceber, nessa vertente, a literatura assumindo sua dimensão sociocultural, à medida que revela os aspectos sociais de uma parcela da população brasileira, não reconhecida nas manifestações literárias anteriores.

Embora surgido, como tema, durante o Romantismo, o regionalismo perdurou também até o Modernismo, tendo como representantes importantes nomes da produção literária brasileira, tais como Rachel de Queiroz e Francisco Gil Castelo Branco, cujas obras são analisadas nesta pesquisa.

Lançando o olhar sobre figuras culturais que simbolizam minorias da sociedade, como o vaqueiro, o Regionalismo no nordeste enfrentou desafios para sua concepção, com uma população que possuía fortes índices de analfabetismo e falta de investimento na área de produção escrita. No entanto, as manifestações de que se tem conhecimento contam a cultura e a história de uma região que, por muito tempo, não foi bem vista.

Considerando que à linguagem “se associa uma representação de realidades físicas, sociais e emocionais mediatizadas pelas palavras da língua” (Proença, 2007, p. 7), pontua-se que o processo de renovação da linguagem, garantido pelo movimento regionalista, serviu como meio de aproximar as obras sertanistas da realidade que as rodeava, evidenciando que “os povos são marcados pela sua geografia”, como defende Coelho (1965, p. 19), pode-se inferir, portanto, que o espaço onde é inserida uma sociedade influencia também o surgimento de marcas culturais próprias. Dentro dessa perspectiva, a literatura regionalista surge como meio de evidenciar não só os espaços geográficos de uma região, mas também a sociedade que nela vive.

Ademais, em textos literários de caráter regionalista, nota-se que:

Tentando apossar-se de uma linguagem mais fiel à realidade captada, os escritores desse instante procuraram despojar-se da frase urbana, civilizada, para fixarem a palavra primitiva e inculta, o autêntico meio de expressão daquelas áreas rudes, cristalizadas em séculos de isolamento. Surge assim em nosso romance uma expressão linguística mais livre, mais maleável ao popular, mais impregnada pelo falar brasileiro, mas ainda não de todo liberta do polimento civilizado. (Coelho, 1965, p. 20)

Percebe-se, por fim, que o movimento regionalista no Brasil, e especialmente no Nordeste, procurou estabelecer relações mais próximas entre sociedade e literatura, buscando transformar as manifestações literárias em retratos mais fiéis da identidade nacional. Para tanto, o texto regionalista utilizou-se, como estratégia, da linguagem popular, do retrato de figuras culturais, e da representação de espaços geográficos que destacassem as raízes dos costumes das sociedades que ele procurou pôr em evidência.

### **2.3 O fazer literário brasileiro: Romantismo e Modernismo**

Na busca por uma literatura essencialmente nacional, os autores brasileiros, decididos a romper com as estruturas clássicas, encontraram no Romantismo o meio necessário para construir a identidade cultural da nação brasileira. Através das manifestações artísticas desse período literário, foi possível começar a desenvolver uma atividade intelectual inerentemente brasileira, na qual:

[...] a literatura foi considerada parcela dum esforço construtivo mais amplo, denotando o intuito de contribuir para a grandeza da nação. Manteve-se durante todo o Romantismo este senso de dever patriótico, que levava os escritores não apenas a cantar a sua terra, mas considerar as próprias obras contribuição ao progresso. (Candido, 2000, p. 12)

O Romantismo foi um movimento artístico cuja natureza diferenciou-se da *árcade* porque a desta última foi decorativa, enquanto a romântica foi expressiva, significativa e reveladora (Bosi, 2015). As manifestações românticas, portanto, rompem com a noção de admiração à natureza para refletirem-se nela, ambientando suas emoções também pelo cenário em que se inserem. Segundo Candido (2000, p. 12), o contexto no qual originaram-se as visões românticas de mundo foi essencial, pois:

[...] Contribuiu pelo menos com três elementos que se podem considerar como redefinição de posições análogas do Arcadismo: (a) desejo de exprimir uma nova ordem de sentimentos, agora reputados de primeiro plano, como o orgulho patriótico, extensão do antigo nativismo; (b) desejo de criar uma literatura independente, diversa, não apenas uma literatura, de vez que, aparecendo o

Classicismo como manifestação do passado colonial, o nacionalismo literário e a busca de modelos novos, nem clássicos nem portugueses, davam um sentimento de libertação relativamente à mãe-pátria; finalmente (c) a noção já referida de atividade intelectual não mais apenas como prova de valor do brasileiro e esclarecimento mental do país, mas tarefa patriótica na construção nacional.

Contrariando o arcadismo, o apego à natureza é agora substituído pela expressão de sentimentos que englobam até mesmo o entorno no qual a obra romântica se passa. Iluminado pela situação política brasileira, essa corrente literária abandona o olhar estrangeiro na busca de encontrar independência também na arte.

As raízes do Modernismo no Brasil têm origem clara, considerando que, passando por transformações sociais, a agitação urbana influenciou também a produção literária da época. Segundo o início deste período literário, Bosi (2015, p. 303) afirma:

O que a crítica nacional chama de Modernismo está condicionado por um acontecimento, isto é, por algo datado, público e clamoroso, que se impôs à atenção da nossa inteligência como um divisor de águas: A Semana de Arte Moderna, realizada em fevereiro de 1922, na cidade de São Paulo.

É válido afirmar, sobretudo, que o momento de ruptura ocasionado pelo Modernismo veio precedido por manifestações de cunho renovador, chamadas de pré-modernistas. Bosi (2015, p. 306) conceitua como pré-modernista toda a obra que “nas primeiras décadas do século, problematiza a nossa realidade social e cultural”.

Esse período que antecede o inconformismo cultural que se solidificaria no vintênio do século XX e representa uma crítica ao pensamento das gerações anteriores, resultado do contato dos intelectuais brasileiros com a literatura em voga na Europa, as chamadas Vanguardas.

O Modernismo significa a criação de uma literatura voltada para o brasileiro, mas em conformidade com as inovações estéticas surgidas no mundo ocidental (Bosi, 2015). É também no período modernista, especialmente no decorrer da década de 30 do século XX, que o telurismo, iniciado nas obras românticas, ganha força, tornando mais autêntico o fazer literário brasileiro, visto que “não há dúvida de que foi neste período, e principalmente pelos caminhos do regionalismo, que entramos na posse definitiva de nossa individualidade literária.” (Coelho, 1965, p. 17).

Revela-se, através dessas estéticas, o rompimento com as raízes clássicas, que pregavam o rigor formal da linguagem, e aproximação linguística para com a realidade social, transmitindo os novos valores estéticos que predominavam no início da idade moderna. Assim, o estudo do regionalismo contribui para entender o retrato da sociedade durante a

época em vigor do Romantismo e Modernismo, visto que interfere diretamente no tecido textual de determinadas obras dos movimentos.

#### **2.4 As estéticas de Francisco Gil Castello Branco e Rachel de Queiroz**

Francisco Gil Castello Branco, nascido em 1848, foi, além de diplomata e jornalista, um escritor piauiense que residiu no Rio de Janeiro, local onde também veio a falecer, em 1891 (Moura, 2013). Pertencente ao período romântico brasileiro, o romancista trouxe, em *Ataliba, o vaqueiro*, uma antecipação do romance regionalista com foco na seca. Semelhante na temática, Rachel de Queiroz traz, em *O Quinze*, a denúncia das condições de indivíduos que enfrentaram um novo período de estiagem, datado no século XX. A autora, que nasceu em 1910, revela a influência da realidade em sua escrita, visto que viveu o período sobre o qual escreveu.

Na literatura, conviveu com uma geração de grandes escritores. Ajudou a inaugurar, com seu livro de estreia, uma nova corrente literária, mesmo sem o saber. Acompanhou a gestação de grandes obras da literatura brasileira, entre conversas animadas e xícaras de café com José Lins do Rêgo, Graciliano Ramos, João Guimarães Rosa, Mário de Andrade, Manuel Bandeira e Jorge Amado. (Accioli, 2016, p. 7)

Percebe-se, portanto, a influência do contexto no qual os autores estavam inseridos no momento da escrita de suas obras. Suas estéticas, situadas no Romantismo e Modernismo, são resultado do contato com a linguagem, política e sociedade na qual viveram. Diante disso, nota-se a necessidade de análise sobre os períodos literários que marcaram a produção de Castello Branco e Queiroz.

Sabe-se que o início do fazer literário no Brasil não pôde ser considerado propriamente brasileiro, visto que, apesar de ter a nação como temática, representava apenas a visão dos missionários e navegantes lusitanos recém-chegados às terras. Desde o século XV, a literatura do Brasil passou por diversas remodelações até assumir seu caráter identitário próprio e abandonar as origens europeias. Para Candido (2006, p. 119):

Na literatura brasileira há dois momentos decisivos que mudam os rumos e vitalizam toda a inteligência: o Romantismo, no século XIX (1836-1870), e o ainda chamado Modernismo, no presente século (1922-1945). Ambos representam fases culminantes de particularismo literário na dialética do local e do cosmopolita.

Levado pelo sentimento de nação independente, o primeiro desses dois movimentos começou a se formar, era o Romantismo, caracterizado pelo foco no sujeito e a força expressiva, marcada pela imaginação e o sentimentalismo (Bosi, 2015). Adotando uma postura de apego à terra, no Brasil, o movimento ainda foi “um vigoroso esforço de afirmação nacional” (Candido, 2006, p. 123), que culminou também em expressões literárias de caráter regionalista, como é o caso da obra do piauiense Francisco Gil Castello Branco, *Ataliba, o vaqueiro*, cuja estética é pertencente ao movimento romântico.

Pertencentes ao Regionalismo, *Ataliba, o vaqueiro* e *O Quinze* são exemplos de obras que carregam as marcas desse movimento, a citar o telurismo e a busca pela representação propriamente brasileira; sobre os autores nordestinos desse período, Coelho (1965, p. 19) afirma:

Vai ser a fecunda semente que frutifica em toda uma geração de romancistas galvanizados pela ânsia de conhecerem e de compreenderem os elementos determinantes ou condicionadores de um novo tipo humano: o homem telúrico. É devido a esse objetivo fundamental que, nesse momento, o foco de visão literária vai incidir mais nas relações que aquele homem mantém com seu meio geográfico e nas condições econômicas que o plasmam, do que propriamente nele em sua essência última.

O destaque das obras regionalistas é, portanto, dado aos aspectos sociais que envolvem as personagens, que possuem o papel de representar o popular, e o espaço em que se situam, rompendo com a imitação dos modelos europeus estabelecidos em movimentos literários anteriores.

É possível notar que muitas das marcas culturais presentes nas obras *Ataliba, o vaqueiro* e *O Quinze* são, por consequência da vivência de seus criadores, pois “o homem é um ser que, ao socializar com o meio passa a adquirir influências na formação de sua identidade, influências estas que são formadas e trazidas de gerações passadas para as seguintes” (Martins, 2016, p. 51).

Através do contato com as estéticas vigentes em suas respectivas épocas, e em conjunto com suas realidades experienciadas, os autores passam a refletir o mundo real no ficcional, originando, assim, o Regionalismo em suas narrativas, pois davam destaque ao sertão nordestino, região até então pouco explorada na Literatura.

É através dos novos recortes do cenário social, possibilitados pelos ideais do Romantismo, que se torna possível conhecer as realidades passadas, tendo em vista que “graças ao Romantismo, a nossa literatura pôde se adequar ao presente.” (Candido, 2000, p. 11).

O segundo momento de destaque para a formação intelectual brasileira foi o Modernismo, cujo evento introdutório foi a Semana de Arte Moderna de 1922. Acerca do movimento, do qual a obra *O Quinze* faz parte, Bosi (2015, p. 208) afirma que:

O Modernismo, tomado na acepção estrita do movimento nascido em torno da Semana de 22, significou, em um primeiro tempo, a ruptura com a rotina acadêmica no pensamento e na linguagem, rotina que isolara as nossas letras das grandes tensões culturais do Ocidente desde os fins do século. Conhecendo e respirando a linguagem de Nietzsche, de Freud, de Bergson, de Rimbaud, de Marinetti, de Gide e de Proust, os jovens mais lúcidos de 22 fizeram a nossa vida mental dar o salto qualitativo que as novas estruturas sociais já estavam a exigir. Nesse abrir-se ao mundo contemporâneo, o Brasil reiterava a condição de país periférico, semicolonial, buscando normalmente na Europa, como o fizera em 1830 com o Romantismo ou em 1880 com o Realismo, as chaves de interpretação de sua própria realidade.

Buscando criar um pensamento novo e romper com as estéticas passadas, o Modernismo reforçou o sentimento nacionalista iniciado no Romantismo, procurando formar uma identidade verdadeiramente brasileira, que representasse a sociedade periférica. Especificamente, “o Modernismo do Nordeste foi uma realidade poderosa com o facies próprio da região e deu o tom ao melhor romance dos anos de 30 e de 40.” (Bosi, 2015, p. 276). É nesse contexto em que surge a obra *O Quinze*, símbolo do regionalismo nordestino, e acerca de sua autoria, Camargo (2001, p. 152) afirma:

[...] o que Rachel de Queiroz faz é deslocar a temática do romance, colocando no centro não a desgraça da seca, mas a problemática da ligação do homem com a terra. Essa ligação preside os dois grandes veios de desenvolvimento do enredo: a história de Conceição e a do retirante Chico Bento.

A relação entre homem e terra, no cenário modernista, representa o interesse cultivado pelas realidades regionais, que se encontra com a nova estética para culminar em um quadro cujo objetivo é delinear a verdadeira imagem do povo brasileiro. Logo, os romances regionais apresentam a tentativa de recorrer a uma manifestação literária inerente ao Brasil, como é o caso da obra de Rachel de Queiroz. A escolha da vertente justifica-se à medida que

Essa dimensão regionalista apresenta-se como veículo natural e necessário de nossa evolução estética; pois, filhos de um país jovem como o Brasil, inevitavelmente teríamos que nos voltar para a imperiosa descoberta daquilo que mais autenticamente nos representasse como povo, frente ao complexo europeu que até há momentos nos servira de modelo e de inspiração. Esse foi o caminho palmilhado pela geração de 30, conquistando, enfim, para nossa literatura, uma feição própria e autônoma. (Coelho, 1965, p. 17-18)

Tendo por base os romances sociais e a natureza de denúncia que neles permeiam, autores como Rachel de Queiroz trazem em suas obras temáticas que revelam as discriminações e sofrimentos vividos pela humanidade no decênio 30 do século XX. Sobre a influência da escritora, Coelho (1965, p. 20) afirma:

José Américo de Almeida; Raquel de Queirós (de *O Quinze* e João Miguel); José Lins do Rego; Jorge Amado (de seus romances baianos) ; Graciliano Ramos (principalmente de *Vida Seca*) ; (para falarmos apenas nos mais representativos...) foram dos que mais fundamente atingiram o âmago dos fenômenos que a literatura do momento deveria captar, num gesto de denúncia e de revolta.

Conclui-se que as obras *Ataliba, o vaqueiro* e *O Quinze*, pertencentes aos movimentos romântico e modernista, respectivamente, representam o entusiasmo pela formação da verdadeira identidade do brasileiro, que surgiu nos dois momentos de maior destaque da literatura nacional. Além disso, também se assemelham ao compartilharem a seca como temática principal que move a narrativa.

## **2.5 Ataliba e Chico Bento: a construção do herói literário**

Na perspectiva dos textos literários, a sucessão de eventos que move uma trama ocorre por diversos fatores, entretanto, um dos principais elementos que se coloca centralizado na geração de conflitos que impulsionam a narrativa são as personagens. Logo, é possível perceber que a construção delas caracteriza também a existência de um mundo ficcional que, por sua vez, é capaz de refletir uma determinada sociedade, assim como os valores que estão nela vigentes.

Dentro desse viés, dividem-se as personagens em dois tipos: o principal – ou herói – e o secundário; tais componentes narrativos serão os responsáveis pela continuidade do enredo, visto que a ação, conforme Proença (2007, p. 57), “envolve o que ocorre com os personagens, o conjunto de seus atos ou reações, os acontecimentos ligados entre si, tudo isso comunicado pela narrativa”. Logo, percebe-se que as ações de um romance só são possíveis ante a mediação das personagens.

O percurso para a definição da noção de personagem dentro da teoria literária passou por diversas alterações ao longo do tempo. A priori, a abordagem aristotélica foi base para os estudos feitos acerca desse elemento da narrativa, para Brait (2017, p. 29): “esse pensador grego levantou alguns aspectos importantes, que marcaram e marcam até hoje o conceito de personagem e sua função na literatura.”, suas análises determinaram que o princípio da

verossimilhança norteia a relação entre aqueles que habitam o mundo fictício e o real, uma vez que coloca a personagem na posição de espelho do ser humano.

Sobre esse reflexo estabelecido entre a personagem e o homem, surge o herói, figura que orienta a narrativa do mesmo modo que a realidade conduz a existência do mundo ficcional. Sobre esse sujeito, Kothe (2000, p. 8) afirma que “se as obras literárias são sistemas que reproduzem em miniatura o sistema social, o herói é a dominante que ilumina estrategicamente a identidade de tal sistema.”. A dominação do herói é proveniente de seu caráter idealista, é ele quem define as demais personagens e é a partir dele que se determinam os valores e intenções de uma obra.

Nesse viés, visto como modelo a ser seguido, as personagens heroicas clássicas representam o parâmetro de aperfeiçoamento de virtudes e moralidade, superando seus desafios. Acerca desse tipo de personagem, Campbell (1989, p. 12) afirma:

O herói, por conseguinte, é o homem ou mulher que conseguiu vencer suas limitações históricas pessoais e locais e alcançou formas normalmente válidas, humanas. As visões, ideias e inspirações dessas pessoas vêm diretamente das fontes primárias da vida e do pensamento humano.

A figura heroica é, portanto, considerada como ideal a ser tomado, ao mesmo tempo que se assemelha ao ser humano quando é subjugado às suas insuficiências enquanto sujeito imperfeito, as falhas ultrapassadas elevam seu espírito e é no momento que as vence que se torna verdadeiramente grandioso.

Diante disso, Ataliba e Chico Bento, protagonistas das obras de Francisco Gil Castello Branco e Rachel de Queiroz, assumem a posição de heróis de suas tramas quando se colocam como guias, agindo como “núcleo ou ponto cardeal por onde passam os vetores que configuram funcionalmente as outras personagens” (Silva, 1999, p. 699), revelam, assim, sua natureza sublime, dispostos a combater as mazelas que os assolam.

## **2.6 Os caminhos sociais: o espaço narrativo**

A percepção do espaço, em obras literárias, vai além de situar o leitor e as personagens em um determinado local geográfico. Esse elemento narrativo possui capacidade de revelar, em uma obra, aspectos múltiplos, ligados ao meio social e cultural do contexto de produção literária, visto que está

associado não somente a um ambiente onde se desenvolve o enredo, mas também às experiências vividas. Desse modo, o espaço está relacionado às ações das personagens no que se refere às características e percepções expressa por cada uma, exercendo seu papel específico no contexto da narrativa. (Oliveira, 2021, p. 119)

É possível perceber, portanto, que a interpretação do espaço de uma obra leva o leitor a compreender não só onde se passa determinada narrativa, mas também a conjuntura na qual ela está inserida, visto que toda vivência é situada em um lugar definido. Ligado às personagens, o espaço é capaz de construir o mundo ficcional, e esses dois elementos combinam-se através da “utilização de recursos verbais que explicitem a percepção do entorno pelas personagens.” (Soethe, 2007, p. 222). É essa percepção que revela a influência do ambiente para uma obra, pois, este último é capaz ainda de exercer poder sobre as ações narrativas, à medida que as personagens interagem ou têm seus atos ditados por ele.

Em obras como *Ataliba, o vaqueiro* e *O Quinze*, o espaço torna-se elemento fundamental, visto que ele passa a atuar, não mais em segundo plano, influenciando diretamente a vivência das personagens, que voltam-se para lidar com o externo. Marcados pela hostilidade da seca, a relutância das personagens de Castello Branco em deixar o sertão representa o apego telúrico, criado pelo distanciamento que o Nordeste apresentava, devido, por exemplo, à “ausência de vias de acesso aos distantes centros de decisões políticas da Colônia” (Brandão, 2008, p. 123). Ademais, o espaço exerce influência na narrativa, pois manifesta-se nela que “é das condições da terra que se forja o caráter dos homens” (Coelho, 1965, p. 19), demonstrando que a modelação das personagens depende também de seu ambiente, visto que esse oferece as circunstâncias nas quais a trama se desenvolverá.

Segundo Bachelard (2000), a noção de espaço constrói imagens que carregam subjetividade, transpondo a ideia de que são unicamente cenários de uma narrativa. Ao analisar esse elemento, percebe-se que ele evoca, na personagem literária, experiências que ultrapassam os limites reais de seu ambiente, devido a sua ligação com as memórias e o sentimento que as rodeia. Logo, percebe-se que esse constituinte narrativo revela não só as questões geográficas de uma obra, pois também estabelece ligações entre os sentimentos das personagens e o local onde vivem.

Dentre a figuração subjetiva dos espaços, a casa é a mais privilegiada. Para Bachelard (2000, p. 24), o foco não está sobre a análise dos motivos pelos quais a casa traz conforto, na verdade “é preciso, ao contrário, superar os problemas da descrição – seja ela objetiva ou subjetiva, isto é, quer se refira a fatos ou impressões – para atingir as virtudes

primárias, aquelas em que se revelam uma adesão inerente, de certo modo, à função original do habitar.”.

Analisar o espaço em obras como *Ataliba, o vaqueiro* e *O Quinze* é compreender como o sertão constrói-se para sensibilizar o leitor através das personagens Tia Deodata e Dona Inácia, que são exemplos da influência da percepção do espaço como “casa”, evocando, durante o enredo, os valores oníricos que perpassam sua vivência e a ligam ao seu local geográfico.

### 3 O PERCURSO METODOLÓGICO: ABORDAGENS E MÉTODOS

A metodologia usada na pesquisa enquadra-se na área da Literatura Comparada, à medida que se realiza através da análise comparativa da construção da imagem dos protagonistas das obras *Ataliba, o vaqueiro* e *O quinze*, observando como o comportamento destes personagens, diante dos cenários hostis criados pela seca, faz com que eles construam-se como figuras heroicas na Literatura.

O estudo possui caráter exploratório, visto que busca proporcionar mais informações sobre o assunto investigado (Prodanov, 2013), além de “proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses” (Gil, 2002, p. 41).

Quanto à abordagem, classifica-se como qualitativa, visto que “não tem preocupação com a utilização de números, enquanto dados, nem na utilização de técnicas estatísticas na fase de análise de dados. A matéria prima do método qualitativo são os textos, falas, figuras, dados observacionais e filmes em sua forma natural” (SIENA, et al. 2024, p. 54).

No que se refere à coleta de dados, foram selecionados autores da área da Teoria Literária e, a partir desses estudos, analisou-se de forma comparativa as personagens e espaços das obras *O Quinze* e *Ataliba, o vaqueiro*. Dessa forma, trata-se de pesquisa bibliográfica que é, no dizer de Severino (2007, p. 122):

Elaborada a partir de material já publicado, constituído principalmente de: livros, revistas, publicações em periódicos e artigos científicos, jornais, boletins, monografias, dissertações, teses [...] com o objetivo de colocar o pesquisador em contato direto com todo material já escrito sobre o assunto da pesquisa.

A pesquisa foi amparada em estudos literários de autores como Candido (2006), Kothe (2000) e Bachelard (2000), que ajudaram a responder sua problemática, através da

caracterização do espaço narrativo nas obras estudadas, da análise da construção de personagens literários e do exame da relação estabelecida entre literatura e suas representações da sociedade.

Para tanto, o percurso metodológico delineou-se em etapas, que foram iniciadas com a leitura das obras que seriam analisadas posteriormente, prosseguindo com a delimitação dos objetivos do estudo e questões centrais a serem examinadas por ele. Em seguida, foram definidos os teóricos que serviram de base para a fundamentação da investigação e, por fim, deu-se o momento da análise dos dados.

#### **4 A IMAGEM DO NORDESTE: O HOMEM E O SERTÃO**

A obra *Ataliba, o vaqueiro* carrega em seu enredo características próprias de seu período literário: o Romantismo. Ao contar a história de Ataliba e Terezinha, o autor promove a “identificação com a natureza, lugar de autenticidade e pureza, a vivência do sentimento do amor, sentimento angustiada e faticamente resolvido, a valorização emocional e mesmo estética do sentimento religioso” (Reis, 2013, p. 298), entretanto, o romance de Francisco Gil Castelo Branco explora ainda outros aspectos, ao destacar e registrar a construção da cultura nordestina através da linguagem e da construção de cenários comuns a essa região.

De modo similar, o vaqueiro, presente não apenas na obra de Castello Branco, como também de Rachel de Queiroz, hoje representa força e persistência diante dos desafios. O posto era, segundo Brandão (2008, p. 27), “ambicionado por todas as pessoas que se destinavam às terras do Piauí”, por ser um cargo de grande relevância na estrutura social da época, segundo os documentos datados no período da colônia. Logo, analisam-se as personagens Ataliba e Chico Bento, ambos vaqueiros, observando de que forma eles “dão condição de existência ao enredo e ‘vivem’ nele como participantes da história.” (Proença, 2007, p. 55), e, ademais, como se constroem como heróis diante da literatura.

A construção do herói, na literatura, ocorre à medida que a personagem recusa-se à inação. Mesmo que seus atos a levem a um destino de sofrimento, seu objetivo transcende sua vida, e é esse agir que movimenta tanto as demais personagens quanto a narrativa da qual elas fazem parte. Fora da ficção, existem figuras históricas que também são consideradas heroínas por compartilharem de similar busca pela resistência.

O vaqueiro, foco desta análise, é registrado dentro desse arquétipo nas obras *Ataliba, o vaqueiro* e *O Quinze*, à medida que passa por uma trajetória de superação, reconhecida literária e historicamente.

Dentro do mesmo viés, o entorno no qual um ser – seja ele literário ou real – se desenvolve, exerce influência sobre a formação de sua cultura. No caso do sertão nordestino, é impossível dissociar a identidade sertaneja de seu ambiente, já que, como afirma Martins (2016, p. 47), ela “não lhe é inata, [...] é construída ao longo da vida do indivíduo, o qual estará presente em uma sociedade que possuirá suas regras, sua cultura e seus interesses”.

Inseridos em uma região com características marcantes e decisivas, as personagens de Castello Branco e Queiroz demonstram como a percepção que se tem do espaço determina suas escolhas e ações. A dualidade entre o apego à terra e a busca pela sobrevivência dita o destino dos seres literários, expondo como são vulneráveis ao espaço que os cerca. Dessa forma, infere-se que o sertão é o espaço responsável tanto por condicionar a origem de determinados acontecimentos dentro de uma narrativa, quanto de moldar características dos sertanejos, tais como a resiliência e força.

Nesse sentido, as categorias centrais de análise da pesquisa são o herói literário, situando o homem nordestino escrito por Rachel de Queiroz e Francisco Gil Castello Branco dentro desse arquétipo; a religiosidade, demonstrando como sua presença nas obras representa um meio de lidar com as adversidades, e o espaço narrativo, que rompe a ideia limitada de cenário dos romances e passa a exercer papel essencial no enredo.

#### **4.1 O vaqueiro como herói sertanejo**

No caso das obras em análise, Ataliba e Chico Bento, bem como as demais personagens, atuam como representações do povo nordestino de suas respectivas épocas. Conforme enfrentam os obstáculos e as injustiças, os sertanejos consolidam-se como símbolos de persistência, espelhando, assim, a força do nordestino real, que resistiu às adversidades ocasionadas pela seca.

Esse espelho da realidade na literatura também se deve ao fato de que “o externo (no caso, o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, interno.” (Candido, 2006, p. 13). Logo, o ambiente no qual estão inseridas as obras é parte fundamental para a interpretação delas, considerando que é a realidade vivida pelas personagens que muda sua forma de agir. Entende-se, ainda, que as obras analisadas representam um registro que, embora não seja factual, simbolizam homens reais do cenário nordestino.

A estrutura física das personagens, primeiro aspecto a ser analisado, não surge nas narrativas como mera descrição. No caso de Ataliba, ela manifesta a idealização de força e modelo da forma heroica:

Ataliba era moço, tinha a figura atlética e a fisionomia cheia de franqueza. [...] São naturezas especiais as dos homens desses ermos longínquos; implacáveis no ódio, extremados no amor, fiéis à gratidão, morrem onde se prendem, com as lianas que se adunam às vetustas árvores das suas florestas. Não se dobram aos meneios dos interesses, mas estalam fendidos pelas paixões, como os jatobás, que não se curvam ao sopro das ventanias e caem por terra em estilhaços, partidos pelo raio. Não recuam perante o perigo: tremem, tanto, ouvindo história de duendes! (Castello Branco, 2004, p. 32)

A virilidade com a qual é caracterizado Ataliba deriva da importância de sua profissão. Historicamente, o vaqueiro supera a imagem de “um homem da lida, da labuta diária com gadaria, embora a hostilidade do sertão e as dificuldades próprias da economia local não sejam ignoradas” (Brandão, 2008, p. 128), ser vaqueiro representa também possuir prestígio nas sociedades sertanejas, enquanto o esforço depositado pelo cargo transforma-se em motivo de admiração.

Logo, pode-se afirmar que tanto Ataliba quanto Chico Bento se definem como exemplos do dizer de Oliveira (2021, p. 120): “as personagens se caracterizam a partir do papel desempenhado por cada uma e os espaços são as marcas de afirmação de suas identidades”. É possuindo o título de vaqueiro que as personagens analisadas constroem suas vidas, pois é o seu encargo na fazenda que molda seu caráter e ocupações.

No entanto, é válido afirmar que as condições de vida das personagens possuem influência direta na descrição de suas fisionomias. Ataliba é definido como homem forte já no início da narrativa, em que o tempo o favorece, e, apesar de permanecer firme até o momento em que sucumbe, quando surgem as dificuldades, a figura do herói sofre com elas.

A faca do vaqueiro engolfara-se por fim no coração da fera, e ela, reunindo todas as forças dos músculos, e cercando as garras e as presas no braço do vaqueiro, bradou o seu grito de morte, reboando ao infinito, e agonizou agarrada ao sertanejo, arrastando-o na sua queda. O sangue espadanava das feridas do moço que não resistiu a este último golpe e caiu em curta vertigem. (Castello Branco, 2004, p. 77)

Assim, Ataliba personifica a ideia de grandeza na queda, conceituada por Kothe (2000). Em *O Quinze*, romance regionalista, a mesma ideia de que a fisionomia revela as condições da personagem assume um novo tom: o de denúncia social, característico das obras

do período. Ao analisar Vicente, também vaqueiro, porém em melhor situação de vida do que Chico Bento, percebe-se o contraste da figura dos dois.

Todo o dia a cavalo, trabalhando, alegre e dedicado, Vicente sempre fora assim, amigo do mato, do sertão, de tudo o que era inculto e rude. Sempre o conhecera querendo ser vaqueiro como um caboclo desambicioso [...] encourado, vermelho, com o guarda-peito encarnado desenhando-lhe o busto forte e as longas pernas ajustadas ao relevo poderoso das pernas. A Conceição pareceu que uma rajada de saúde e de força invadia subitamente a sala. (Queiroz, 2012, p. 11)

A aparência de Chico Bento, em contrapartida, já encarna as marcas de sua luta contra a aridez do sertão: “junto da robustez desempenada de Vicente, o vulto curvado de Chico Bento parecia mais corcunda e mais triste, como uma interrogação lastimosa” (Queiroz, 2012, p. 21).

Quando é colocado diante da seca iminente, Vicente apresenta-se resistente ao deixar sua propriedade e companheiros, mas Chico Bento, que não tem essa escolha, é forçado a um destino mais cruel: partir em retirada com sua família, sem muitos recursos.

Assim, as narrativas de Francisco Gil Castello Branco e Rachel de Queiroz põem em destaque a superação dos problemas que surgem a esses heróis frente às condições nas quais vivem. Campbell (1989, p. 169) afirma que:

Se as façanhas de uma figura histórica real proclamam-no herói, os construtores de sua lenda inventarão para ela aventuras apropriadas nas profundezas. Estas serão apresentadas como jornadas a reinos miraculosos e deverão ser interpretadas como símbolos, de um lado, de descidas no mar de escuridão da psique e, de outro, de domínios ou aspectos do destino do homem que se tornaram manifestos na vida dessas figuras.

É possível afirmar, diante do exposto, que a trajetória de Ataliba e de Chico Bento é símbolo de lutas reais, vividas pela sociedade nordestina nos períodos de seca registrados pelas obras, como confirma Brait (2017, p. 12), ao dizer que “a personagem é um habitante da realidade ficcional, de que a matéria de que é feita e o espaço que habita são diferentes da matéria e do espaço dos seres humanos, mas reconhecendo também que essas duas realidades mantêm um íntimo relacionamento”. Porém, visto que a literatura ultrapassa o mundo real, as personagens são postas como esforço de idealização, característica das figuras heroicas ficcionais. Ademais, a escolha de Ataliba e Chico Bento serem vaqueiros cujas vidas estão situadas na região nordeste pode ser interpretada como resposta da disposição de seus autores a “escrever para sua terra” (Candido, 2000, p. 26), sendo personagens que representam o homem nordestino das gerações passadas.

O perfil do protagonista de Castello Branco como herói, é ainda reforçado pelo detalhamento de suas vestes e ferramentas, cuja função é de proteger o vaqueiro da hostilidade de seu ambiente, similar à espada e à armadura de um cavaleiro, mas adaptada para o sertão:

Com efeito, as suas perneiras, o seu guarda-peito, o seu gibão e o seu chapéu com trancelim e borlas de fios de cor, eram de finas peles de bezerro, lavradas com esmero por hábeis mãos de mestre. Um maço de cordas de couro adunco, dobrado em vários círculos, passava-lhe do pescoço por sob o braço esquerdo: era a sua faixa de honra [...] A arma de fogo e a lâmina de aço são companheiras inseparáveis do sertanejo; são seus instrumentos de trabalho, combate, e de vingança! (Castello Branco, 2004, p. 32)

Enquanto isso, Chico Bento, como um herói trágico, enfrenta seu destino, sabendo que não possui influência sobre ele, sua grandeza, portanto, reside não no triunfo contra as adversidades, mas na resistência que apresenta diante delas.

Ao ser forçado a migrar-se junto da família em busca da sobrevivência, Chico Bento procura elevar o espírito da esposa, triste com a partida, com sua esperança de que dias melhores viriam:

Chico Bento, na confiança do seu sonho, procurou animá-la, contando-lhe os mil casos de retirantes enriquecidos no Norte. A voz lenta e cansada vibrava, erguia-se, parecia outra, abarcando projetos e ambições. E a imaginação esperançosa aplanava as estradas difíceis, esquecia saudades, fome e angústias, penetrava na sombra verde do Amazonas, vencida a natureza bruta, dominava as feras e as visagens, fazia dele rico e vencedor. (Queiroz, 2012, p. 21)

É na contradição que reside entre seu físico sofrido e suas ambições fantasiosas, que Chico Bento passa a imaginar-se como herói épico, capaz de vencer as mazelas que a natureza desfavorável a ele propõe. Essa característica da personagem reflete também seu idealismo heroico, à medida que, mesmo com os problemas, não se deixa alterar seu bom caráter.

A empatia da personagem é demonstrada, por exemplo, durante a partilha que faz do pouco alimento que tinha, ao encontrar outros retirantes como ele pelo caminho que, já desesperados de fome, preparavam-se para comer os restos mortais de uma vaca que acharam adoecida:

Chico Bento alargou os braços, num gesto de fraternidade:  
— Por isso não! Aí nas cargas eu tenho um resto de criação salgada que dá para nós. Rebolem essa porqueira pros urubus, que já é deles! Eu vou lá deixar um cristão comer bicho podre de mal, tendo um bocado no meu surrão!  
Cordulina assustou-se:  
— Chico, que é que se come amanhã?

A generosidade matuta que vem na massa do sangue, e florescia no altruísmo singelo do vaqueiro, não se perturbou: — Sei lá! Deus ajuda! Eu é que não houvera de deixar esses desgraçados roerem osso podre... (Queiroz, 2012, p. 28)

Ataliba e Chico Bento, além de compartilharem da mesma profissão, também se assemelham pela trajetória heroica que passa pelo momento de queda que, para Kothe (2000) os engrandece. Ataliba, quando decai, alinha-se como personagem romântica que “objetivamente incapaz de resolver os conflitos com a sociedade, lança-se à evasão” (Bosi, 2015, p. 79); sua fuga do mundo revela-se em sua morte, enquanto Chico Bento, personagem modernista e regionalista, ilustra uma sucessão de eventos que denunciam as disfunções sociais vividas pelo Nordeste durante a estiagem. No entanto, é nas desgraças sofridas que o herói “tende a crescer em sua ‘humanidade’ e nas simpatias do leitor/espectador.” (Kothe, 2000, p. 14).

Assim, as personagens de Francisco Gil Castello Branco e Rachel de Queiroz convergem na ideia de que, na queda, completam sua conversão enquanto figuras heroicas, ilustrando o heroísmo através da luta e da persistência. Ademais, Ataliba e Chico Bento, ao assumirem-se como personagens heroicas, definem “os códigos culturais, éticos e ideológicos, dominantes numa determinada época histórica e numa determinada sociedade” (Silva, 1999, p. 700) para a região nordeste dos séculos XIX e XX.

#### 4.1.1 A religiosidade como mecanismo de enfrentamento

A religiosidade é um elemento cultural que tem grande presença em romances nordestinos. Segundo Bosi (2015), desde o início do período romântico, a religiosidade vem atrelada ao nacionalismo, repudiando os mitos pagãos como se detinha no classicismo.

As obras *Ataliba, o vaqueiro* e *O Quinze*, embora a última seja modernista, assemelham-se ao compartilharem da presença do sentimento religioso. Ao iniciar o enredo de Queiroz, por exemplo, a personagem Dona Inácia encontra-se rezando, e, posteriormente, descobre-se que a mulher pede que chova, receosa com os efeitos da seca:

Depois de se benzer e de beijar duas vezes a medalhinha de São José, dona Inácia concluiu: “Dignai-vos ouvir nossas súplicas, ó castíssimo esposo da Virgem Maria, e alcançai o que rogamos. Amém.” Vendo a avó sair do quarto do santuário, Conceição, que fazia as tranças sentada numa rede ao canto da sala, interpelou-a: — E nem chove, hein, Mãe Nácia? Já chegou o fim do mês... Nem por você fazer tanta novena...  
Dona Inácia levantou para o telhado os olhos confiantes: — Tenho fé em São José que ainda chove! Tem-se visto inverno começar até em abril. (Queiroz, 2012, p. 8)

A crença de Dona Inácia simboliza um povo que, sem controle sobre seu futuro, pede por mudança ao divino. Do mesmo modo, a presença da religiosidade é percebida em diversos momentos da narrativa de *Castello Branco*, principalmente por Tia Deodata, porém, não exclusivamente por ela. No momento de partida dos amigos de Ataliba, o grupo entoava uma oração, que é ouvida ao longe:

O grupo some-se pouco a pouco no horizonte dessas vastas campinas; já perde o vulto, já se torna um ponto nebuloso, confuso, quando se ouve um eco melodioso e cheio de unção. Entoavam o hino da mãe de Deus, a Ave-Maria, e desapareceram! Então tornaram à cabana as únicas pessoas que ficavam nesses ermos. (Castello Branco, 2004, p. 64)

Apesar disso, a esperança das personagens é frustrada pelo espaço, que permanece inalterado de seu estado de austeridade. Entretanto, além dos momentos que é usada como meio de perseverar perante a hostilidade da seca, o sentimento religioso manifesta-se frente à necessidade de consolação das personagens.

Ataliba, ao presenciar a morte de sua futura sogra, vê-se em uma situação na qual é incapaz de agir, logo, recorre às orações como forma de enfrentamento da fatalidade:

Deodata já não tinha vida: a sua enfermidade terminara por uma congestão cerebral. [...] Horas longas e pesadas coavam o luto e a desesperação nessa mísera cabana. Soluços, lastimações, até blasfêmias ressoam nesse aposento obscuro. Ataliba por fim ajoelhou-se e com voz entrecortada de pranto em tom alto e cheio de unção, começou a rezar, repetindo todas as orações que aprendera na infância. (Castello Branco, 2004, p. 74)

Dessa forma, infere-se que a presença da religiosidade nas duas obras é o meio que cada personagem, “um indivíduo que está em luta contra um mundo que ele não conhece completamente, nem é capaz de dominar (Silva, 2003, p. 125), encontrou para lidar com aquilo que não possuíam poder de modificar: o clima árido.

#### **4.2 O Sertão como espaço narrativo**

O sertão nordestino, nas narrativas *Ataliba*, *o vaqueiro* e *O Quinze*, ultrapassa a função de revelar a localidade geográfica das narrativas. Para Oliveira (2021, p. 119) o espaço literário é

associado não somente a um ambiente onde se desenvolve o enredo, mas também às experiências vividas. Desse modo, o espaço está relacionado às ações das

personagens no que se refere às características e percepções expressa por cada uma, exercendo seu papel específico no contexto da narrativa.

Nesse viés, Soethe (2007, p. 223) conceitua o espaço como “conjunto de referências discursivas, em determinado texto ficcional e estético, a locais, movimentos, objetos, corpos e superfícies, percebidos pelas personagens ou pelo narrador”, logo, percebe-se que, em obras como *Ataliba, o vaqueiro* e *O Quinze*, esse elemento narrativo é um conjunto de experiências, que unem uma determinada localidade às memórias vividas nela, não apenas o local que serve como pano de fundo de uma certa obra.

A ilustração deste conceito é percebida em personagens como Tia Deodata e Dona Inácia, para quais o lugar onde moram significa também parte de sua vida. As mulheres, apegadas ao espaço, ilustram o conceito de casa estabelecido por Bachelard (2000, p. 26); ela é “uma das maiores (forças) de integração para os pensamentos, as lembranças e os sonhos do homem”. Assim, elas assimilam o local aos sentimentos evocados por suas memórias neles, ocasionando o sentimentalismo telúrico, que traduz-se na recusa de abandonar seu lar, mesmo que isso representasse perdas.

Quebrando uma luta moral que lhe sangrava o fel do coração, ergueu-se, abraçou os dois meninos que a acarinhavam e balbuciou esta decisão:  
— Se até a semana que vem não chover, partirei, meus filhos, com Cassange e Sô Ataliba; esperem-me em Marvão!  
De novo apertou ao seio os meninos e foi postar-se no seu oratório. (Castello Branco, 2004, p. 60)

A decisão de Deodata denota a importância que sua casa tem para si mesma, conforme os dizeres de Bachelard (2000, p. 25-26): “reconfortamo-nos ao reviver lembranças de proteção. Algo fechado deve guardar as lembranças, conservando-lhes seus valores de imagens. As lembranças do mundo exterior nunca hão de ter a mesma tonalidade das lembranças de casa”. Inference-se, então, que mesmo que partir possa ser a única saída possível para a personagem, o conforto trazido pelo lugar onde sempre viveu lhe causa relutância, modificando o rumo da narrativa.

Logo, a concepção do espaço literário aproxima-se das personagens na medida em que representa um conjunto de experiências e condições da obra literária. Segundo Campbell (1989, p. 173), a importância do ambiente no qual a personagem heroica está inserida é percebida a partir da consciência que se toma de que “o local de nascimento do herói, ou a terra remota de exílio de onde ele retorna para realizar suas tarefas de adulto entre os homens, é o ponto central ou centro do mundo”. É o espaço que condiciona a narrativa na qual as

personagens viverão, logo, ele atua como força ativa dentro do enredo, no qual suas alterações exercerão influência na narrativa.

Partindo de tal prerrogativa, a análise das obras de Castello Branco e Queiroz revela que o espaço é elemento crucial para determinar o futuro das personagens. A obra de Castello Branco “é um romance ambientado num espaço que mescla ficção e realidade. No texto, a bravura e altivez do homem do campo são retratados dentro de uma estética literária muito simbólica” (Oliveira, 2021, p. 119); de forma semelhante, *O Quinze* também reconhece, com seu caráter regionalista, o mundo literário como reflexo da sociedade, visto que, conforme afirma Araújo (2008, p. 120) “a noção de regionalismo reside no campo extraliterário e é construída historicamente, mas tem sido imprescindível à vida literária do país”; percebe-se, portanto, que as manifestações regionalistas, como *O Quinze*, excedem o campo da literatura, revelando seu aspecto voltado ao social.

Os romances, embora pertencentes a vertentes literárias distintas, compartilham a noção de espaço como força que movimenta a narrativa, estabelecendo as condições em que viverão as personagens. Segundo Campbell (1989, p. 174):

O período em que o herói, numa forma humana, habita o mundo só se inicia depois que as vilas e cidades se expandem pela terra. Muitos monstros, remanescentes das épocas primitivas, ainda habitam as regiões que estão além e, por meio da malícia ou do desespero, lançam-se contra a comunidade humana. Cumpre tirá-los do caminho. Ademais, os tiranos da espécie humana, que usurpam para si mesmos os bens dos seus vizinhos, começam a surgir, provocando a miséria disseminada. É preciso suprimi-los. As façanhas elementares do herói consistem em limpar o terreno.

Na ausência de forças antagonistas clássicas, como as citadas no exposto, as mudanças ocorridas no espaço são a representação dos desafios pelos quais os heróis de Castello Branco e Queiroz passaram. É a hostilidade do ambiente em que vivem que causa a miséria e fazem com que as personagens precisem sair do lugar onde estão acostumadas, é nesse momento que o mundo ficcional se expande e as narrativas alcançam uma nova etapa.

Em *Ataliba, o vaqueiro*, o sertão é dividido em dois momentos: antes e depois da seca. Em primeira instância, o espaço onde se desenvolve a narrativa de Castello Branco é descrito de forma sublime, evidenciando a calma dos eventos que se sucedem durante os primeiros capítulos da obra:

Em linda tarde de um dos últimos dias do mês de setembro do ano próximo findo, Terezinha estava assentada em uma lage, à beira de um riacho cristalino, que coleava por um leito de areias e pedregulhos. Uma grande cabaça e uma rodilha de fibras de palmeira estavam ao seu lado, indicando que viera à fonte buscar água. (Castello Branco, 2004, p. 29)

O texto mantém-se dessa forma até a chegada da estiagem, quando a ambientação muda e a obra avança para o segundo momento. Nele, as paisagens, antes sublimes, transformam-se em assombrosas, afetadas pelo clima severo:

As campinas estavam tostadas como se acaso uma torrente de fogo as houvesse sapecado; as folhas enroscavam-se, engelavam-se como se frisados por um ferro encandescente; as avezinhas abandonavam seus ninhos e em bandos partiam pipilando; as águas decresciam e o gado, mugindo lugubrememente nos campos, tombava exangue. (Castello Branco, 2004, p. 54)

A seca divide, além da narrativa, as escolhas das personagens, enquanto Dionísio apresenta a necessidade de fuga do sertão, Deodata permanece resoluta em sua decisão de esperar pela chuva. A dualidade das personagens frente ao espaço surge do fato que:

Perceber o espaço possibilita conceber a imersão dos sujeitos perceptivos em um mundo partilhado. Pois figurar o espaço é tematizar condicionamentos recíprocos entre figuras humanas e seu entorno, mas também problematizar as relações entre as figuras humanas, elas mesmas, na partilha de espaços comuns. (Soethe, 2007, p. 221)

Ambiente e dualidade similares são encontrados em *O Quinze*, obra regionalista que retrata a seca vivida pelo nordeste brasileiro em meados de 1915.

Chico Bento parou. Alongou os olhos pelo horizonte cinzento. O pasto, as várzeas, a caatinga, o marmeleiral esquelético, era tudo de um cinzento de borralho. O próprio leite das lagoas vidrara-se em torrões de lama ressequida, cortada aqui e além por alguma pacavira defunta que retorcia as folhas empapeladas. (Queiroz, 2012, p. 18)

O espaço, mudado pela estiagem, torna-se incompatível com a vida, forçando a migração dos que nele vivem. Diante dessa necessidade, a obra de Rachel de Queiroz apresenta duas situações distintas: a primeira é representada pelas personagens Dona Inácia e Conceição, avó e neta, que partem de trem rumo à capital cearense para fugir da seca – depois da moça finalmente persuadir a mais velha:

No trem, na estação de Quixadá, Conceição, auxiliada por Vicente, ia acomodando dona Inácia. A cesta de plantas debaixo do banco. Uma maleta cheia de santos ali ao lado. Dona Inácia fazia questão de trazer os santos junto a si, com medo de que no carro de bagagens algum irreverente se sentasse em cima. (Queiroz, 2012, p. 18)

Apesar da resistência de Dona Inácia, a viagem das duas ocorreu sem grandes problemas, visto que Conceição era professora e tinha condições favoráveis para que as duas

se alojassem com segurança fora do Logradouro, local onde a avó morava. Em contraste, a segunda situação mostrada na obra acompanha Chico Bento e sua família, que, sem condições financeiras ou apoio do governo, partem em retirada a pé, em busca da sobrevivência:

O pequeno ia no meio da carga, amarrado por um pano aos cabeçotes da cangalha. De vez em quando, levava a mãozinha aos olhos, e fazia rah! rah! ah! ah! numa enrouquecida tentativa de choro. [...] Chico Bento fechava a marcha, com o cacete ao ombro, do qual pendia uma trouxa. Mocinha, de vestido engomado, também levava sua trouxa debaixo do braço, e na mão, os chinelos vermelhos de ir à missa. O sol ia esquentando. (Queiroz, 2012, p. 26-27)

No segundo núcleo de personagens, o espaço narrativo age com maior hostilidade; Chico Bento “de cabeça curvada como sob o peso do chapéu de couro, sentindo nos olhos secos pela poeira e pelo sol uma frescura desacostumada e um penoso arquejar no peito largo” (Queiroz, 2012, p. 18) contraria a imagem do vaqueiro, visto como viril e forte, revelando as consequências dos novos condicionamentos estabelecidos pelo ambiente austero.

A espacialidade das obras de Castello Branco e Queiroz assemelha-se ao representar a relação entre o homem e a terra, demonstrando como esta pode alterar o destino das personagens. Em *Ataliba, o vaqueiro*, esse apego à terra é percebido em Tia Deodata, que, ao ser convidada para acompanhar os demais retirantes que estavam de partida, recusa o pedido por não querer sair do local onde viveu sempre:

— Vamos, tia Deodata? Vamos, Sá Terezinha?  
A moça olhava para Ataliba; a velha, abraçando dois meninos travessos que, alisando seus cabelos brancos, renovavam com graça infantil o convite de seus pais, curvara a fronte e meditava!  
Silenciosos, aguardavam todos a sua deliberação; mas Deodata, depois de alguns instantes, com dois fios de lágrimas a rolar-lhe pelas faces rugosas, percorria com o olhar este círculo de amigos e, com um sorriso de obstinação, resignada, dizia-lhe com firmeza:  
— Não... não posso! (Castello Branco, 2004, p. 59)

Nesse viés, Oliveira (2021, p. 119) afirma que “a possibilidade de ocupar outro espaço, não faz parte da perspectiva de vida daquelas pessoas. As sensações de apego por sua terra são representações de um sentimento voltado para o endeusamento daquele espaço que é a própria vida, jamais poderiam abandoná-lo.” Logo, Deodata confirma o apego telúrico prezado pelo Romantismo e escolhe, mesmo sem ter consciência, seu final, visto que, quando decide fugir da seca, é acometida por uma doença que a leva.

De forma semelhante, Dona Inácia, personagem de Rachel de Queiroz, apresenta o mesmo comportamento da mãe de Terezinha: a teimosia de permanecer em seu lugar:

— Deixar tudo assim, morrendo de fome e de seca! Fazia vinte e cinco anos que eu não saía do Logradouro, a não ser para o Quixadá!...  
Conceição mal acreditava ter conseguido convencer a avó da necessidade daquela viagem. Dona Inácia se apegara a tudo que a pudesse reter no sertão, rabujou, zangou-se, gritou que faria como quisesse, que não iria, não iria, não iria!  
Mas haveria de ficar sozinha na fazenda, durante todo o horror da seca, sem um filho, sem uma filha, sem ninguém? (Queiroz, 2012, p. 17)

Esse apego que Dona Inácia demonstra é o que quase a leva à mesma tragédia, notadamente romântica, que acomete Deodata. O risco pelo qual as duas estão dispostas a correr é decorrente do sentido de que “a vida começa bem, começa fechada, protegida, agasalhada no regaço da casa” (Bachelard, 2000, p. 26), nesse caso, o sertão que elas não querem abandonar. Dessa forma, as narrativas de Castello Branco e Rachel de Queiroz compartilham o sertão como espaço que modela não só as ações das personagens, mas também as condiciona e define seu destino. Em *Ataliba, o vaqueiro*, ele é o cenário hostil que destrói o futuro do casal protagonista, que sucumbe à seca; já em *O Quinze*, ele é meio de revelar as desigualdades sociais vividas pelos principais núcleos de personagens, que se atravessarão no fim da história.

Queiroz, segundo Coelho (1965), foi uma das principais autoras de sua época a apresentar as críticas sociais que permearam as obras regionalistas do período de 1930, o que se confirma perante a análise da influência do espaço nos dois núcleos de personagens do romance. Nas duas narrativas, o sertão, assolado pela seca, é impulsionador do enredo, movendo as personagens que fazem a sucessão de eventos da trama acontecer.

## **5 O HERÓI DO SERTÃO: CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A literatura carrega em si marcas sociais que a tornam capaz de representar ou compreender uma cultura. Através da análise de sua temática, linguagem e recursos linguísticos, a literatura é capaz de delinear uma sociedade e deixá-la registrada historicamente. É, portanto, através do estudo de obras, como a de Francisco Gil Castello Branco e Rachel de Queiroz, que elementos significativos, como o vaqueiro e o sertão, ganham destaque na cultura brasileira.

Nesse viés, a pesquisa estruturou uma investigação acerca da construção do homem sertanejo; observando especificamente *Ataliba* e *Chico Bento*, buscou-se caracterizar essas personagens como exemplos de heróis literários, símbolos de resistência diante das adversidades. Notou-se que, ao colocar personalidades nordestinas em evidência, os autores

passaram a fazer parte do esforço de nacionalismo literário, em suas respectivas épocas, processo que garantiu uma literatura verdadeiramente brasileira.

Os resultados mostraram que a concepção de Ataliba e Chico Bento como heróis literários deu-se em aspectos diversos: desde a descrição da fisionomia até a gestos que revelavam seu caráter moral idealizado, os vaqueiros colocaram-se como símbolos da resistência que grande parte dos habitantes nordestinos precisou apresentar durante os períodos de estiagem.

As obras analisadas ainda apresentam outra característica que espelha a realidade passada: o sertão como cenário. Logo, concluiu-se que o espaço de *Ataliba, o vaqueiro* e *O Quinze* não é apenas a localidade onde se desenvolvem os romances, pois desempenha papel fundamental na sucessão de eventos narrativos, ao impor suas condições às personagens, o espaço torna-se força ativa dentro dos enredos. Inferiu-se, também, que diante de cenários antagônicos, as personagens contam com a religiosidade como método de confronto para com as situações que não conseguem mudar.

Metodologicamente, por tratar-se de pesquisa qualitativa e de cunho bibliográfico, utilizar-se da teoria literária foi fundamental para construir argumentos consolidados academicamente, além disso, amparar-se em autores como Candido (2006) e Kothe (2000) foi essencial para examinar o *corpus* de análise sob a ótica da construção do herói e do espaço.

A partir das considerações feitas, inferiu-se que o problema de pesquisa foi respondido à medida que se observou, nas obras de Castello Branco e Queiroz, a composição da imagem do homem do nordeste brasileiro como herói literário. Assim, simbolizando a ligação entre o ficcional e o real, Ataliba e Chico Bento representam os retirantes nordestinos, que enfrentaram a seca e precisaram buscar formas de sobreviver frente aos desafios que o cenário hostil os impôs.

Logo, a pesquisa salientou a necessidade de ampliar as discussões acerca da figura do nordestino, visto que ainda é possível perceber uma lacuna no debate do assunto em meios acadêmicos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Humberto Hermenegildo de. **A tradição do regionalismo na literatura brasileira: do pitoresco à realização inventiva.** Revista Letras, [S. l.], v. 74, 2008. DOI: 10.5380/rel.v74i0.10955. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/letras/article/view/10955>. Acesso em: 26 abr. 2025.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço.** São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 50. ed. São Paulo : Cultrix, 2015.

BRANDÃO, Tanya Maria Pires. O Vaqueiro: símbolo da liberdade e mantenedor da ordem no sertão. In: MONTENEGRO, Antonio Torres, et al. (org.). **História: cultura e sentimento: outras Histórias do Brasil**. Co-edição - Recife: Ed. Universitária da UFPE; Cuiabá: Ed. da UFMT, 2008. p. 121-133.

BRAIT, Beth. **A personagem**. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2017.

CAMARGO, Luís Gonçales Bueno de. **Uma história do romance brasileiro de 30** . Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP, 2001.

CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. Tradução de Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Pensamento/Cultrix, 1989.

CANDIDO, Antonio. **Formação da Literatura Brasileira: Momentos Decisivos**. Vol. 2 (1836-1880). São Paulo: Livraria Martins Editora, 2006.

\_\_\_\_\_. **Literatura e sociedade**. 9 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

CARVALHAL, Tânia Franco. **Literatura comparada**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2006.

CASTELLO BRANCO, Francisco Gil. **Ataliba, o vaqueiro**. 8 ed. Teresina: Convênio Editora Corisco, 2004.

COELHO, Nelly Novaes. **O romance brasileiro em sua dimensão regionalista**. In: *Caravelle*, n°5, 1965. número spécial consacré au Brésil. pp. 17-29. Disponível em: [https://www.persee.fr/doc/carav\\_0184-7694\\_1965\\_num\\_5\\_1\\_1124](https://www.persee.fr/doc/carav_0184-7694_1965_num_5_1_1124). Acesso em: 26 abr. 2025.

COUTINHO, Afrânio. (Dir.). **A Literatura no Brasil**. Vol. 2: Romantismo. Rio de Janeiro: Editora Sul-Americana, 1969.

FIGUEIREDO, Eurídice. **Literatura Comparada**. Eurídice Figueiredo, Anna Faedrich. Rio de Janeiro: Fundação Cecierj, 2016.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa** 4. ed. - São Paulo: Atlas, 2002.

KOTHE, Flávio René. **O herói**. 2 ed. São Paulo: Ática, 2000.

MARTINS, Katiane Régis Pereira. A IDENTIDADE CULTURAL EM ATALIBA, O VAQUEIRO. **Revista Getec**, v. 5 n. 10 (2016): Gestão Tecnologia e Ciências. Disponível em: <https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/getec/article/view/748>. Acesso em: 10 mai. 2025.

OLIVEIRA, Sandra Helena Andrade de. Espaço ficcional em Ataliba, o vaqueiro. In: CARDOSO, Ana Maria Leal; MACIEL, Luciana Novais; PLÁCIDO, Elane da Silva (org.). **Imaginários Literários: do regional ao histórico**. 1. ed. Aracaju, SE: Criação Editora, 2021. p. 119-134. Disponível em: <https://editoracriacao.com.br/imaginarios-literariosdo-regional-ao-historico/>. Acesso em: 07 mai. 2025.

- PRODANOV, Cleber Cristiano. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico** 2. ed. – Novo Hamburgo: Feevale, 2013
- PROENÇA, Domicio Filho. **A linguagem literária** — 8.ed. — São Paulo : Ática, 2007.
- QUEIROZ, Rachel de. **O Quinze**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.
- REIS, Carlos. **O conhecimento da literatura: introdução aos estudos literários**. 2 ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2013.
- SEVERINO, A. J. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo, SP: Cortez, 2007.
- SIENA, Osmar et al. **Metodologia da Pesquisa Científica e Elementos para Elaboração e Apresentação de Trabalhos Acadêmicos**. Belo Horizonte, MG: Editora Poisson, 2024.
- SILVA, Marisa Corrêa. Crítica sociológica. In: **Teoria Literária: abordagens históricas e tendências** / Organização Thomas Bonnici, Lúcia Osana Zolin. – Maringá: Eduem, 2003.
- SILVA, Vítor Manuel de Aguiar e. **Teoria da Literatura**. Coimbra: 1999.
- SOETHE, Paulo Astor. Espaço literário, percepção e perspectiva. **Aletria: Revista de Estudos de Literatura**, [S. l.], v. 15, n. 1, p. 221–229, 2007. DOI: 10.17851/2317-2096.15.1.221-229. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/18138>. Acesso em: 7 mai. 2025.



TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAÇÃO ELETRÔNICA  
DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO NA BASE DE DADOS DA  
BIBLIOTECA

1. Identificação do material bibliográfico:

[ ] Monografia [X] TCC Artigo

Outro: \_\_\_\_\_

2. Identificação do Trabalho Científico:

Curso de Graduação: Letras - Língua Portuguesa e Literatura

Centro: Campus Senador Helvídio Nunes de Barros

Autor(a): Alice Bruma Alves da Silva

E-mail (opcional): alicebruma161@gmail.com

Orientador (a): Cristiane Furtosa Pinheiro (presidente da banca)

Instituição: UFPI - Campus Senador Helvídio Nunes de Barros

Membro da banca: Walter Furtosa Pinheiro (avaliador interno)

Instituição: UFPI - Campus Senador Helvídio Nunes de Barros

Membro da banca: Fabiana Costa de Sousa (avaliadora externa)

Instituição: UFPI - Campus / Colégio Técnica de Bom Jesus

Membro da banca: Cristiane Furtosa Pinheiro (presidente da banca)

Instituição: UFPI - Campus Senador Helvídio Nunes de Barros

Titulação obtida: Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa

Data da defesa: 30 / 06 / 2025

Título do trabalho: O herem e a Estação: uma análise comparada da representação do Nordeste nos dramas "O quinze" e "Ataliba, o vaqueiro"

### 3. Informações de acesso ao documento no formato eletrônico:

Liberação para publicação:

Total:

Parcial: . Em caso de publicação parcial especifique a(s) parte(s) ou o(s) capítulos(s) a serem publicados: \_\_\_\_\_

### TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Considerando a portaria nº 360, de 18 de maio de 2022 que dispõe em seu Art. 1º sobre a conversão do acervo acadêmico das instituições de educação superior - IES, pertencentes ao sistema federal de ensino, para o meio digital, autorizo a Universidade Federal do Piauí - UFPI, a disponibilizar gratuitamente sem ressarcimento dos direitos autorais, o texto integral ou parcial da publicação supracitada, de minha autoria, em meio eletrônico, na base dados da biblioteca, no formato especificado\* para fins de leitura, impressão e/ou *download* pela *internet*, a título de divulgação da produção científica gerada pela UFPI a partir desta data.

Local: Picos - Piauí Data: 15 / 07 / 2025

Assinatura do(a) autor(a): Alice Bruna Alves da Silva

\* **Texto** (PDF); **imagem** (JPG ou GIF); **som** (WAV, MPEG, MP3); **Vídeo** (AVI, QT).